

ASTROPOLITICS

DESIRABLE/POSSIBLE FUTURES

By Fabiane M. Borges and Tatiana Garcia Delgado

The history of space exploration, shaped by intense geopolitical rivalry, reveals a path of ambitions and achievements that extend beyond technological advances to include deep ethical, political, and cultural dilemmas. During the Cold War, the United States and the Soviet Union engaged in a race to assert which political system—capitalism or socialism—would shape Earth’s future. This rivalry culminated in the competition to reach the Moon, seen as a strategic point symbolizing control and power, both over Earth and over the progress and dominance narratives that guided the 20th century. The iconic American landing on the Moon, celebrated as a landmark of techno-scientific hegemony, exemplifies how space exploration was instrumentalized to communicate power and shape global futuristic ideologies.

Today, this scenario is increasingly complex, as Asian countries such as China and India emerge with their own space programs, joined by new players such as the United Arab Emirates and private conglomerates that diversify agendas and intensify the space race. China, with its ambition to extend the Silk Road beyond Earth, is expanding its influence through notable missions, like the Chang’e probe on the far side of the Moon, and claiming strategic points like the Lagrange positions, crucial for mineral traffic and communicational control in cis-lunar space. This contemporary context, termed New Space, challenges old conventions, raising urgent questions about treaty updates, collaborative governance, and space ethics, as the historic Outer Space Treaty of 1967, formulated by the United States, the Soviet Union, and the United Kingdom, lacks representation and does not address the new players and their plural demands.

New Space redefines “space occupation,” now driven by a multiplicity of voices, each carrying its own cultural heritage, ideological perspectives, and futuristic ideas. This new space era, with both state and private actors, urges us, as a civilization, to reflect on how we might envision and construct “desirable worlds” in the cosmos without reproducing the developmental ideologies of the first space race. For instance, could we create a resource use system that is sustainable and equitably distributed among peoples, rather than merely

generating more power and private monopolies? With regard to lunar and Martian colonization, could we seriously propose to space leaders alternative ways of conceiving colonies and community organization? How could we articulate a cooperative model that, instead of centralizing power in the hands of a few, strives for justice and access to resources and technology? And it's worth asking: what have artistic space agencies, collectives, and artists within space culture been proposing on these themes?

This dossier, *Astropolitics: New Possible/Desirable Worlds*, aims to create a space for discussion on the complexities and utopias of the current space age. On a planet facing climate crises, ecological collapses, and rising inequalities, the debate on space occupation must integrate intersectional and decolonial perspectives that, beyond technological, include social and cultural dimensions. How can we ensure that the abundance of interplanetary resources becomes a tool to mitigate the damage caused by the Anthropocene and create a network of shared prosperity? How can we preserve the plurality of Indigenous worldviews in space and foster alternative futures that inspire new narratives?

In this context, astropolitics emerges as a field that questions and expands the boundaries of space governance and diplomacy, while also embracing new imaginaries and projects for the cosmos. With a selection of analytical and critical articles, innovative proposals, fictions, and manifestos, this dossier examines, from a multidisciplinary perspective, the impacts of space policies on social and environmental spheres. We aim to inspire a vision of outer space that values the common good, peace, and intergenerational responsibility, so that today's space age becomes not only a milestone of scientific progress but also one of planetary solidarity and mutual respect.

Welcome to this second issue of the journal *EXTERMOPHILIA: ASTROPOLITICS, POSSIBLE/DESIRABLE FUTURES*, where outer space is more than just a new frontier: it is an arena for urgent and fundamental debates on the values and destinies on Space. (The Earth lives in space).

ASTROPOLÍTICA – MUNDOS POSSÍVEIS/DESEJÁVEIS

Por Fabiane M. Borges e Tatiana Garcia Delgado

A história da exploração espacial, marcada por uma disputa geopolítica intensa, expõe uma trajetória de ambições e conquistas que não se limitam a avanços tecnológicos, mas abarcam dilemas éticos, políticos e culturais de grande profundidade. Durante a Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética confrontaram-se em uma corrida para afirmar qual sistema político – capitalismo ou socialismo – moldaria o futuro da Terra. Essa disputa alcançou o auge na competição pela Lua, vista como um ponto estratégico que simbolizava controle e poder, tanto sobre a Terra quanto sobre as narrativas de progresso e domínio que guiaram o século XX. A emblemática chegada americana à Lua, celebrada como um marco da hegemonia tecnocientífica, exemplifica como a exploração espacial foi instrumentalizada para comunicar poder e moldar ideologias globais.

Hoje, esse cenário se complexifica, à medida que países asiáticos como China e Índia emergem com seus próprios programas espaciais, acompanhados de novos protagonistas como os Emirados Árabes e de conglomerados privados que diversificam as agendas e intensificam a corrida espacial. A China, com sua ambição de renovar a Rota da Seda para além da Terra, expande sua influência através de missões notáveis, como a sonda Chang'e no lado oculto da Lua, e reivindica pontos estratégicos como os de Lagrange, que são fundamentais para o tráfego de minérios e o controle comunicacional no espaço cislunar. Esse contexto contemporâneo, chamado de New Space, desafia as antigas convenções, levantando questões urgentes sobre a atualização de tratados, governança colaborativa e ética espacial, dado que o histórico Tratado do Espaço Exterior de 1967, formulado por Estados Unidos, União Soviética e Reino Unido, carece de representatividade e não contempla os novos agentes e suas demandas plurais.

O New Space redefine a "ocupação espacial", agora impulsionada por uma multiplicidade de vozes, cada uma carregando suas heranças culturais, perspectivas ideológicas e ideias futuristas. Esta nova era espacial, com agentes estatais e privados, convoca-nos a refletir sobre como podemos, enquanto civilização, imaginar e construir “mundos desejáveis” no

cosmos, sem reproduzir as ideologias desenvolvimentistas da primeira corrida espacial. Seria possível, por exemplo, criarmos um sistema de uso de recursos espaciais de forma sustentável e igualmente distribuída entre os povos ao invés de gerarmos somente mais poder e monopólios privados? Em relação a colonização lunar e marciana, seria possível propor seriamente, às lideranças mundiais do espaço, outras formas de pensar as colônias, as organizações comunitárias? Como articular um modelo de cooperação que, em vez de centralizar o poder nas mãos de poucos, busque justiça e acessibilidade de recursos e tecnologias? E também vale nos perguntarmos, o que as agências espaciais artísticas, os coletivos e artistas da cultura espacial tem proposto em relação a esses temas?

Este dossiê, *Astropolítica: Novos Mundos Possíveis/Desejáveis*, propõe um espaço de discussão sobre as complexidades e as utopias da era espacial atual. Em um planeta que enfrenta crises climáticas, colapsos ecológicos e desigualdades crescentes, o debate sobre ocupação espacial deve integrar perspectivas interseccionais e decoloniais que, além de tecnológicas, contemplem dimensões sociais e culturais. Como garantir que a abundância de recursos interplanetários seja uma ferramenta para mitigar os danos causados pelo Antropoceno e criar uma rede de prosperidade compartilhada? Como preservar a pluralidade de cosmovisões indígenas no espaço e promover que futuros alternativos inspirem novas narrativas?

Neste contexto, a astropolítica emerge como um campo que questiona e expande as fronteiras da governança e da diplomacia espacial, ao mesmo tempo em que acolhe novos imaginários e projetos para o cosmos. Com uma seleção de artigos analíticos e críticos, propostas inovadoras, entrevistas, ficções e manifestos, este dossiê se dedica a examinar, sob um prisma multidisciplinar, os impactos das políticas espaciais nas esferas social e ambiental. Almejamos inspirar uma visão do espaço exterior que valorize o bem comum, a paz e a responsabilidade intergeracional, para que a era espacial de hoje seja não apenas um marco de progresso científico, mas também de solidariedade planetária e respeito mútuo.

Seja bem-vindo a este segundo número da revista **EXTERMOPHILIA: ASTROPOLÍTICA, FUTUROS POSSÍVEIS/DESEJÁVEIS**, onde o espaço sideral é mais do que uma nova fronteira: é uma arena para debates urgentes e fundamentais sobre os valores e os destinos que queremos construir como humanidade.